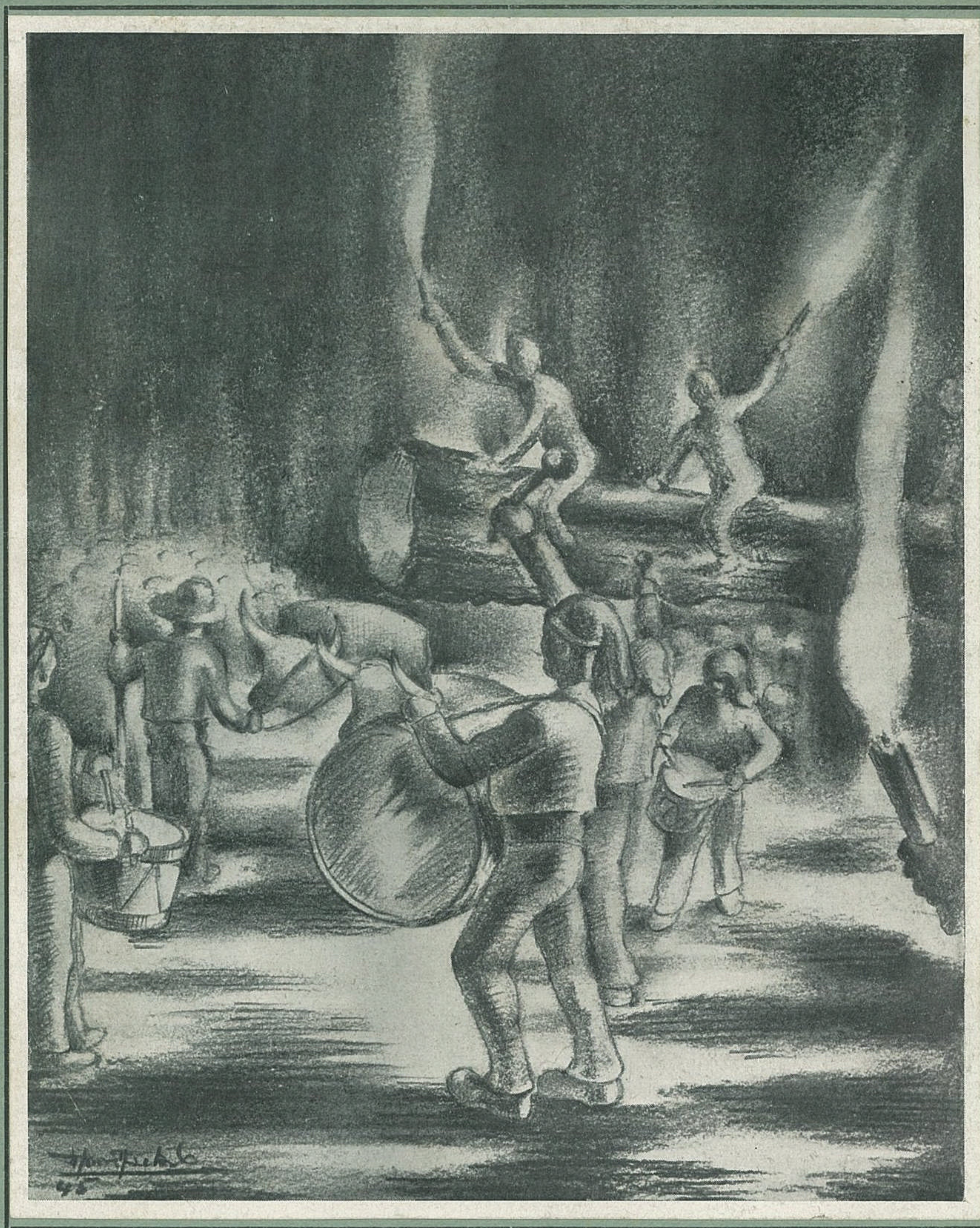


NÚMERO ÚNICO
CONSAGRADO AO
50.º ANIVERSÁRIO DO
RESSURGIMENTO
DAS FESTAS NICOLINAS
EM GUIMARÃES

OS "VELHOS"

1895 -- 1945



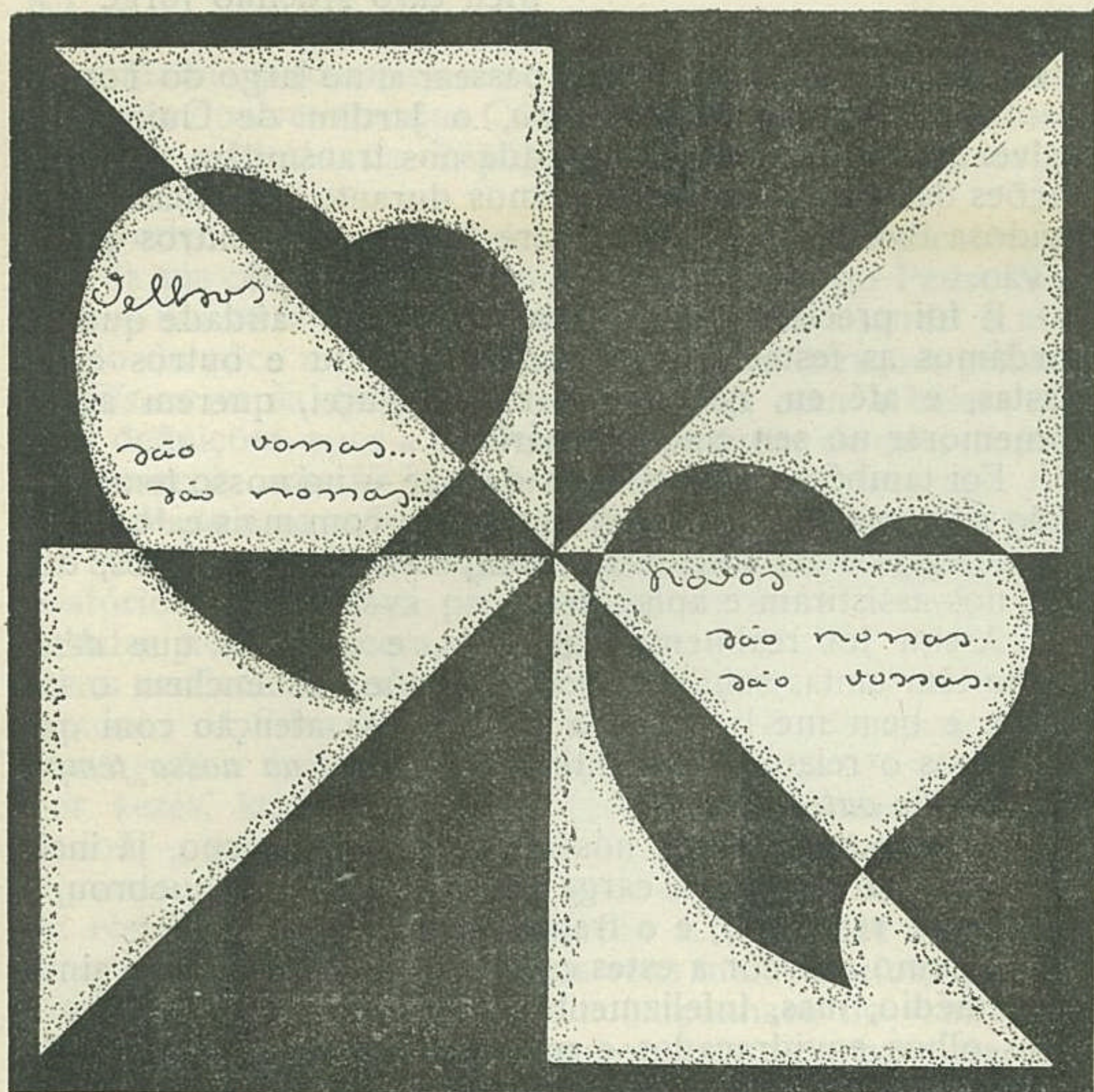
O «PINHEIRO»

Desenho do Dr. JOSÉ MARIA DE MOURA MACHADO.

.....
Que as Festas Nicolinas sempre são
A luz da graça e a voz da Tradição.
.....



OS "VELHOS"



«Reparai como canta amor e amizade
O grupo juvenil da nossa mocidade.»

Foi assim, em 5 de Dezembro de 1895, o dizer da alma vibrante do Escolar Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio, ao recitar o Bando Escolástico das Festas Nicolinas, do espírito formoso, em vibração ardente, do gentil Poeta Bráulio Caldas. Fazia, naquêle dia, então, cinquenta, cem anos, que, pelas mesmas Ruas e Praças de Guimarães, outros Escolares, na interpretação de outros Poetas vimaranenses, haviam anunciado às

... «magnólias puras
Que perfumais noss'alma...»
... «a festa do estudante»...

50 anos passaram e, de novo, desde então, como outros 50 e 100 anos em antes, «rufam os tambores», nos primeiros dias de Inverno, pelas artérias dêste mais que velhissimo Burgo, tão antigo ou mais antigo do que Portugal, dizendo, sôbre as idades mortas, os sepulcros de outros estudantes, a velhice magoada e inquieta dos velhos, e o embalar do berço dos porvindoiros, que, sempre, renasce e floresce em Primavera e a saúde

«embalada na brisa»

como sendo a Flor da Mocidade e da Formosura, à senhora gentil, à tricana-colibri, ao amor, ao sonho, ao ideal, na aspiração ansiosa do futuro

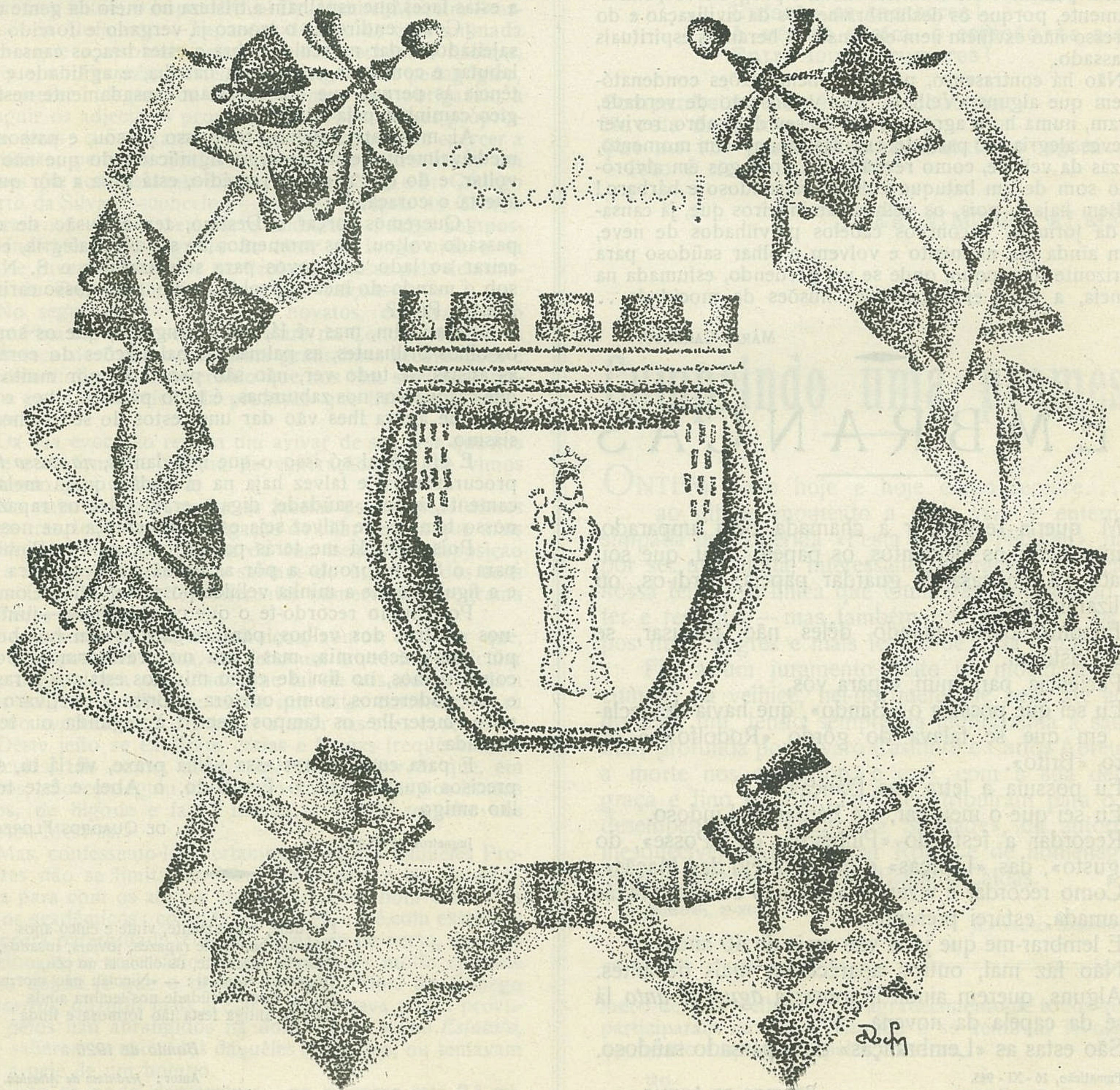
«O grupo juvenil da nossa mocidade»

Ah!, nós, os velhos, já não

«Vamos retroceder ao tempo bem amado
Do riso, do prazer, dos sonhos bons d'amor!»

como, há 25 anos, em, então, já — «Os Velhos» —, dizia o sempre moço coração do P.^e Gaspar Roriz.

E' tarde, aos velhos, para voltar à mocidade. Mas, vamos!, nunca é, em vida, ou, talvez, além dela, tarde para sentir e viver a Mocidade da Alma no seu entusiasmo e na sua fé pelo Bem, pela Justiça, pela Verdade e pelo Amor!



207

Os "Velhos,, romeiros do S. Nicolau

ÊSTE folguedo ritual dos moços escolares vimaranenses em honra de S. Nicolau, seu Patrono, festa que já vem de tempos distantes, e há meio século se repete sem cessar, é um exemplo curioso e vivo de respeito por uma tradição e de persistência de um culto votivo! Esta continuidade, esta persistência em manter uma antiga praxe, que vem passando de pais a filhos, e de geração em geração académica, merece aplauso e simpatia.

Mudam os tempos, evoluciona e transfigura-se continuamente o ambiente material e espiritual do mundo, nesta era em que a vertigem do progresso irradia em todos os sentidos, e de todos os quadrantes da ciência e da técnica! E, contudo, é sempre do passado que nós vivemos! O futuro é o incerto, a dúvida, a aspiração eternamente irrealizada; o passado, porém, vive em nós, porque é a imagem reflectida do nosso próprio ser, a projecção e o rasto imperecível que os nossos passos deixam na estrada sem fim!

O culto da tradição é instintivo no homem. Praticámo-lo a todo o momento, na escravidão diária dos nossos hábitos, na romagem incessante das nossas crenças, na determinação imperiosa das nossas fatalidades congénitas e ancestrais! O elo que nos prende ao desejo da própria vida é apenas o anseio constante de reviver o passado, e de alimentar a saúde de tudo quanto em nós vai perecendo, dia a dia!

Mas podemos ser tradicionalistas e progressivos, simultaneamente, porque os deslumbramentos da civilização e do progresso não excluem nem eliminam as heranças espirituais do passado.

Não há contrasenso, portanto, nem razões condenatórias em que alguns "Velhos", que velhos são de verdade, queiram, numa hora agreste e fria do seu dezembro, reviver as breves alegrias do passado, expulsando, por um momento, tristezas da velhice, como revoada de morcegos em alvorôço, ao som de um batuque cultural, estrondoso e bárbaro!

Bem hajam, pois, os velhos caminheiros que, já cansados da jornada, e com os cabelos polvilhados de neve, param ainda um momento e voltam o olhar saudável para o horizonte longínquo, onde se vai perdendo, esfumada na distância, a terra encantada das ilusões da mocidade...

MÁRIO CARDOSO.

LEMBRANÇAS

BEM queria responder à chamada bem amparado, mas perdi os elementos, os papéis. Eu, que sou acusado cá em casa de guardar papéis, perdi-os, ou inutilizaram-mos.

Encontrá-los-ei quando deles não precisar, se ainda existirem.

Paciência, para mim, e para vós.

Eu sei que possuía o «Bando», que havia de declamar, em que se falava do gordo «Rodolfo» e do magro «Brito».

Eu possuía a letra das Danças.

Eu sei que o meu par, era Fernando Lindoso.

Recordar a festa do «Pinheiro», da «Posse», do «Magusto», das «Danças» e do «Cortejo das Maças».

Como recordar é viver, e como não costume faltar à chamada, estarei presente.

E lembrar-me que já lá vão mais de 40 anos.

Não faz mal, outros apareceram mais de antes.

Alguns, querem ainda ir tomar a *água-de-unto* lá ao pé da capela da novena.

São estas as «Lembranças» dum passado saudável.

Famalicão, 16 - XI - 945.

RODOLFO DE AGUIAR.

No nosso tempo...

Meu caro Adelino Jorge

HÁ dias, andámos os dois a passear aí no largo do Toural, onde foi, *no nosso tempo*, o Jardim de Guimarães. Talvez ainda as pedras da calçada nos transmitam as recordações das passadas que ali demos durante os concêrtos da saudável Banda do 20, do mestre Ramos e de outros que já lá vão.

E foi precisamente num ambiente de saúde que recordámos as festas do S. Nicolau, que tu e outros entusiastas, e até eu, que nunca nelas figurei, querem agora comemorar no seu cinquentenário.

Foi também sobre o tema de que — no nosso tempo — tudo se passava com mais entusiasmo, com mais calor, com mais alegria e até com maior compreensão dos outros, dos que nos assistiram e aplaudiram.

Assim foi realmente para nós, e para os que *dêsse tempo* têm tantas saúdes como as que nos enchem o coração, e bem me lembro da desdenhosa atenção com que ouvíamos o relato das aventuras dos que, *no nosso tempo*, já eram de *outro tempo*.

¿Como poderemos nós arrancar dêste corpo, já inclinado para a velhice, a carga dos anos que o alquebrou, o enrugou e ressequiu, e o transformou numa ruína?

¿Como dar côr a estes cabelos brancos (para isso ainda há remédio, mas, infelizmente, só... para isso), brilho a estes olhos envidraçados e mortiços, sangue a estes lábios descorados, em que um madrigal é quasi um insulto, lisura a estas faces que espalham a tristeza no meio da gente nova?

¿Como endireitar o tronco já vergado e torcido e desajeitado, e dar músculo e fibra a estes braços cansados de labutar e combater nesta dura batalha, e agilidade e resistência às pernas que nos arrastam cansadamente neste trágico caminhar pela Vida?

Ai, meu caro Adelino, tudo isso passou, e passou irremediavelmente, e no amargo significado do que não pode voltar, e do que não tem remédio, está tôda a dôr que nos aperta o coração!

¿Queremos forçar o Destino, ter a ilusão de que o passado voltou, uns momentos de saudável alegria, emparceirar ao lado dos novos para solenizarmos o S. Nicolau sob o mando do incorrigível Sampaio, e do nosso carinhoso Mestre Pina?

Seja assim, mas vê lá, não te enganes, que os sorrisos, os olhos brilhantes, as palmas, as palpitações do coração e as ânsias de tudo ver, não são para nós, por muito duro que casquemos nos zabumbas, é tudo para os filhos e netos dos que agora lhes vão dar uns restos do seu velho entusiasmo.

E era afinal só isso o que nós dantes, *no nosso tempo*, procurávamos, e talvez haja na multidão quem melancolicamente, e com saúde, diga — eram estes os rapazes do nosso tempo — e talvez seja essa a esperança que nos guia.

Pois bem, lá me terás para a ceia, para o Pinheiro e para o Sarau, pronto a pôr as barbas brancas (para quê?) e a figurar onde a minha velhice possa ser útil à Comissão.

Por último recordo-te o que combinámos — juntarmos-nos quatro, dos velhos, para alugarmos um bombo, não por mera economia, mas para nos revesarmos, porque, concordamos, no fim de cinco minutos estamos arrasados, e não poderemos, como outrora o Brito e o Alvaro Casimiro, meter-lhe os tampos dentro à segunda ou terceira mçada.

E para cumprirmos essa velha praxe, vê lá tu, somos precisos quatro — tu, o Fernando, o Abel e êste teu velho amigo

A. DE QUADROS FLORES.

Jugueiros, 10-XI-945.

Faz hoje, exactamente, vinte e cinco anos
Que um bando de rapazes, joviais, insanos,
Fitando, piamente, os olhos lá no céu,
Disseram entre si: — «Nicolau não morreu!...»
Ah! com que saúde nos lembra ainda
Da sua antiga festa tão formosa e linda!

Bando de 1920

Autor: Jerónimo de Almeida.

Recitado por: Bento da Costa Caldas.

OS MESTRES E AS FESTAS NICOLINAS

No nosso tempo de estudante, ao cursar o Liceu de Guimarães, pudemos ouvir, ainda, com particular interesse, as lições dos venerandos Cónegos e dos demais Professores que, no advento da República, constituíam o seu corpo docente.

Pertencentes ao primeiro grupo, pontificavam então, do alto da sua cátedra, o austero e franzino Cónego Pedro Sanches — um valor de ciência teórica —, que, usando e abusando do côco e da bengala para as demonstrações práticas da *Física* ou da *Química*, nos encantava com a beleza das suas definições, após a tradicional prevenção de que, na aula, *não poderia admitir sussurro maior que o provocado pelo zumbido de uma mosca* (sic); o bondoso Cónego Miranda, de frase recortada e elegante, que nas ciências geográfico-históricas se revelava profundo só de ter a vantagem de apontar no mapa com o ponteiro, e de costas, o local que aluno vacilante não descobria; o espadaúdo e forte Cónego António da Silva Ribeiro, a impôr-nos conhecimentos de *Português* e *Latim* com a severidade da sua têt morena — por vezes, fazendo cantar a barba ao contacto dos seus dedos —, mas, que, no fundo, se deixava enternecer pelas lágrimas dos seus discípulos com o desvêlo de uma alma de eleição; o atarracado e gordo Cónego Zé Maria, de olhar vivo a fuzilar através dos seus meios-óculos, que, em horas de boa disposição, nos acompanhava no "rufo" das carteiras ou, sujeito ao mau humor, nos desancava de vara em riste, a ponto de saírmos da aula com a cabeça a papujar das mossas feitas; o impenetrável Dr. Manuel Moreira — arcepreste de Guimarães —, aparecendo-nos de cara animada e como que a assobiar, pelo pêso das bochechas flácidas, mas, que, no *Francês*, martelava com rigorismo pedagógico, só de querer indagar dos conhecimentos que obrigavam a distinguir os adjectivos pronominais dos pronomes propriamente ditos; o Dr. Aarão que, incapacitado já de exercer a sua missão, permitia que o seu rosto se entreabrisse em sorrisos que nos causavam imensa pênna e dôr; e o Sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos — preciosa relíquia do Cabido Vimaranesense —, com seu porte senhoril e fidalga composição, indicativos do segrêdo do *elixir* da longa vida e da água de Juventa, a revelar particular interesse pela demonstração do *Teorema de Pitágoras* dos "calções".

No segundo grupo, e mais novatos, contavam-se o Mestre Pina e o saudável P.^o Anselmo da Conceição e Silva.

Àcerca de todos nos ficaram gratíssimas recordações e seguros rudimentos de ensino que nos têm servido à maravilha para o exercício da profissão que livremente escolhemos.

Da sua evocação resulta um avivar de saúde que nos punge e a afirmação perene da veneração que lhe vimos tributando pela vida fora.

No entanto, ao recordar as facetas psicológicas desses Professores, teremos em obrigação de citar aquela que mais nos impressionou, ou seja, a da sua isenta predisposição para a benevolência quando sabiam do interesse dos seus alunos na consecução dos diferentes números do programa das *Festas Nicolinas*.

Se a memória não nos atraiçoa, somos em crer que, entre eles, por esta época, era feito um inquérito particular sobre o papel e a actividade que tal ou tais alunos teriam nesses folguedos, afim de evitar que estes corressem mau risco no averbamento das notas a apôr nas suas cadernetas.

Dêste jeito se explicam certas e longas frequências de matrículas, tais como, as do Carvalho *Beigarola* que, em 11 anos, não conseguiu ir além do 1.^o ano, e as dos irmãos Santos, de bigode e farda militar, a impôr respeito aos próprios Mestres.

Mas, confessemos-lo abertamente: alguns daquêles Professores não se limitavam à sua consciente e boa complacência para com os alunos empenhados no bom êxito dos festejos académicos; como bons tutores, e até com extremos de sincera paternidade, eles iam vigiá-los de perto, dar-lhes conselhos e, se necessário fôsse, intervir de modo eficiente na sua defesa (e que o digam os pulsos rijos do Cónego *Touqueiro*), quando mais acêsa se encontrava a rixa provocada pelos não abrangidos na doutrina do *Velho Estatuto*, só de saberem-se excluídos daquêles folguedos, ou tentavam furar a pele de um bombo.

Nisto se pode demonstrar — ao elaborar êste 2.^o nú-

Rir ou chorar?!

Afinal, meus amigos, o que é isto,
Mas que alegria é esta,
Se é com os olhos úmidos que assisto
A tão ruidosa Festa?!

Vai tão distante, já, a Mocidade,
Que eu não sei, com franqueza,
Se vale a pena rir, pois, na verdade,
Mais parece tristeza!

Isto de Bôdas de Ouro é caso sério...
A mim não me faz rir!
Mas lá do azul do Céu, do azul etéreo
Nicolau há-de vir!

Há-de, por certo, estar ao nosso lado,
Como um «velho estudante»,
Com a mitra e o báculo, sentado
Sobre um trôno radiante!

E a sábia deusa lá da Grécia antiga,
A formosa Minerva,
Talvez, do alto do «pinheiro», diga
— Que é nossa humilde serva!

Soltas, depois, ao vento, as capas negras,
Rufarão os tambores!
A vêr se assim, ó coração, te alegras
Entre loucos rumores!

Companheiros esplêndidos doutroa,
Haveis de perdoar
Que eu vos pergunte, aqui baixinho agora:
— Isto é rir ou chorar?!

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

Cumprindo uma promessa

ONTEM como hoje e hoje como sempre... Até ao último momento a mais viva e enternecida simpatia pela querida «Festa de São Nicolau», não só por ser uma linda, interessante e graciosa tradição da nossa terra — a única que Guimarães tem sabido manter e respeitar — mas também por me avivar os tempos mais alegres e mais felizes de tôda a minha vida.

Fiel a um juramento, feito na mocidade e que cumpro na velhice, hei-de querer-lhe bem até ao fim do meu fim, tendo sempre na minha alma a saúde mais profunda por Alvaro Casimiro e Carlos Abreu, que a morte nos arrebatou, e que, com a sua delicada graça e fino espírito, tanto contribuíram para o bom desempenho do «Auto da Saúde», da autoria do inesquecível Padre Gaspar Roriz, e de homenagem à querida memória do Dr. Bráulio Caldas.

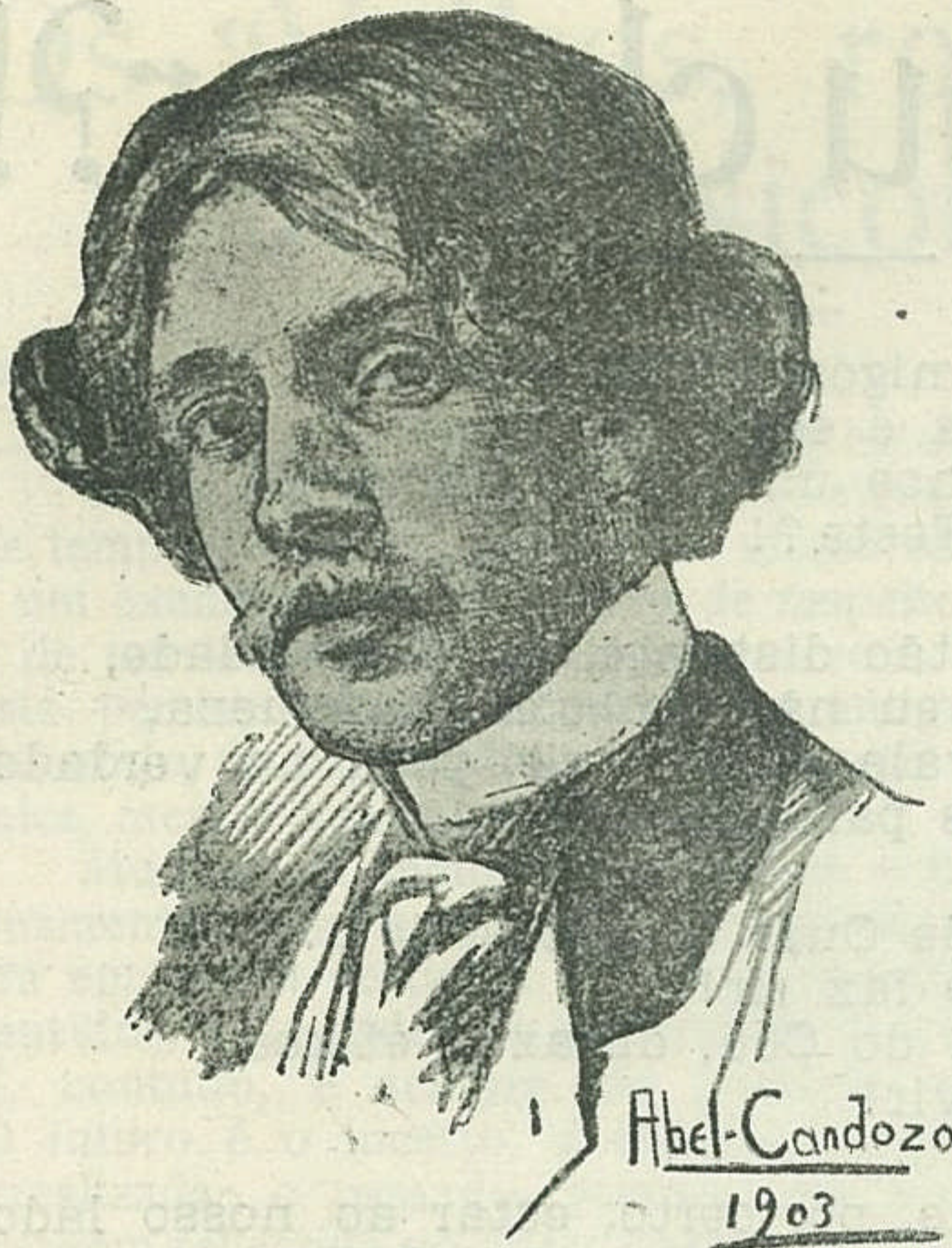
Guimarães, 27-XI-45.

JERÓNIMO SAMPAIO.

mero de «Os Velhos» —, o agradecimento de todos quantos participaram na *Festa Nicolina* e se sentiram favorecidos no auxílio emprestado pelos Mestres.

1945.

LUÍS FILIPE COELHO.

O POETA
ARNALDO
PEREIRA

UMA CARTA

Guimarães, 14 — 11 — 45.

Ex.^{mo} Senhor Antonino Dias de Castro — Muito digno director de "O Notícias de Guimarães" — Guimarães.

Meu prezado Amigo:

Satisfazendo o seu pedido, envio-lhe duas linhas para o número especial dedicado às Festas Nicolinas.

NÓS, os velhos, recordamos com saudade os tempos em que éramos novos e estudantes, o S. Nicolau com os zabumbas, o pinheiro, as dansas, a entrega às senhoras, das maçãs espetadas nas pontas das lanças, pelos rapazes montados nos cavalos que conseguiam arranjar e que, na maioria, eram alugados na alquilaria do Cosme, alguns acabados de chegar de Chaves com a mala-posta, os entusiásticos discursos do Jerónimo Sampaio, tôda aquela alegria, graça e saúde que a rapaziada tinha sem ofender ninguém e fazendo dispôr bem tôda a gente.

E assim se foram criando aquelas gerações antigas, brincando, divertindo-se, estudando, com tempo para tudo.

Os que não fôssem demasiadamente cábulas, lá chegavam ao final das suas carreiras, melhor ou peor, rápida ou ronceiramente, sabendo-se que alguns, até dos mais cábulas, fizeram brilhante figura, no decorrer dos tempos, no desempenho das suas funções profissionais.

Seria para mim um grande prazer vêr recuar, simultaneamente, o tempo e a idade até àquela época em que tomei parte nas Festas Nicolinas, como estudante do liceu, para assim poder sentir todos aqueles encantos da *idade e da época*.

Mas nenhum interêsse teria em vêr apenas recuar a idade para ficar novo e estudante em 1945.

Sinto, como avô, os aborrecimentos com as dificuldades e contratempos com que hoje lutam os netos que estudam.

Basta-me êste sofrimento e não me agradaria enfileirar ao lado dêstes novos estudantes para, como êles, lutar com as mil dificuldades que antigamente não existiam.

E nada mais direi.

Aos novos, desejo que, no futuro, tirem dos seus sacrifícios e trabalhos os melhores resultados e que a felicidade sempre os acompanhe.

Para os meus antigos companheiros, já mortos, aqui manifesto a minha maior saúde.

Abraço com tôda a amizade, os que têm tido a resistência e teimosia de se manterem com vida e que, por isso, podem ler estas linhas.

Termino com o mais reconhecido agradecimento por o meu Amigo se lembrar de mim nesta ocasião.

Os meus cumprimentos.

ALBERTO CARDOSO M. M. MACEDO (MARGARIDE).

Uma Autêntica, do Cónego José Maria Gômes

O CÓNEGO José Maria Gômes era um espírito muito curioso, como agora soi dizer-se. Ironista umas vezes, sarcástico outras, e outras ainda usando da velha chalaça, da portuguesíssima piada, não raro polvilhada de sal e pimenta, deixou um alegre rosário de anedotas e a-propósitos, nem todos conhecidos, acontecendo, como, no geral, aos graciosos de fama, que se lhe atribuem feitos e contos cuja paternidade lhe não pertence.

O que vai relatar-se é, porém, absolutamente verdadeiro e poderá ser atestado pelo protagonista sobrevivente.

*

O Cónego Zé Maria — como, em ares de estudantil familiariedade, o tratávamos — não era pontual na entrada das aulas. Chegava, ameúde, depois do velho André tocar a cabra e estendia a sua lição pelo tempo do Mestre que lhe sucedia no horário, coisa com que alguns, aliás, davam sério cavaco. Contudo, não gostava, antes embirrava de-veras, que os alunos entrassem tarde. Irritava-o sobretudo ouvir o bater na porta dos retardatários e quási sempre os deixava de fora.

Certo dia, um aluno, cuja aplicação, por circunstâncias que não vêm ao caso, era abaixo de medíocre, e que, talvez por isso, não gozava da simpatia do Mestre, chegou, por mal dos seus pecados, em grande atraso à aula, se a memória não falha, de inglês. Mas não se atemorizou. Bateu à porta, estrondosa, fragorosamente.

O Cónego, que já preleccionava há bons dez minutos, deu um salto na cátedra, deixou cair os meios óculos sôbre o nariz e, desejoso de saber quem por tal modo infringia os costumes, mandou abrir.

O rapaz entrou, empertigado, solene, quási em passo de ganso, batendo fortemente o tacão, com um ar de pedantice atrevida, e fêz uma vénia de favor, disposto a tomar o seu lugar como se nada de extraordinário se passasse.

Todos nós — transidos.

E o Cónego: *pára, puxe! pára ai!*

O outro estacou, mantendo o mesmo ar. Bem pôsto, elegantemente pôsto, desenhava-se-lhe sôbre a botoeira uma enorme fôlha de hera.

Zé Maria olhou-o uns momentos e, depois, num fingido ar de espanto, exclamou:

Que tu eras penêdo, sabia-o eu, mas ao ponto de criar hera?!...

JOSÉ PINTO RODRIGUES.

Versos de um Cábula

No meu tempo de estudante,
De graças e decepções,
Fui um "nicolino," errante
A viver só de ilusões...

Recordo saudosamente
Meus saudosos professores;
Luzido corpo docente,
Formado de altos valores!

Só três apenas, de tantos
São vivos, bem conservados;
São relíquias, são três santos,
Sempre por nós venerados.

— Vasconcelos, Zé de Pina
E Alcino — não nos esquecem;
Sábios na sua doutrina
E só louvor's nos merecem!

Bons tempos, bons tempos idos,
Passados nos velhos bancos!
Ante os anos decorridos...
Tenho os meus cabelos brancos.

Pôrto, Novembro de 1945

LEÃO MARTINS.

SÓ VER E OUVIR!

CONVIDADO a colaborar no número especial «Os Velhos», destinado a comemorar as *Bodas de Ouro* do ressurgimento das «Festas Nicolinas», apenas direi:

Pertenço, de facto, ao número dos antigos estudantes do Liceu de Guimarães, mas não faço parte do número daquêles que, directa e activamente, tomaram parte nessas Festas.

Aluno interno, do então Colégio de S. Nicolau, no qual me conservei desde o primeiro ao quinto ano do Liceu, em regime de rígida disciplina, eu e os restantes colegiais apenas gozámos ou apreciámos um *ligeiro cheirinho* desses divertimentos académicos, por que, sempre acompanhados do respectivo Prefeito — como *bébés* sob a vigilância dos papás — não havia para nós a liberdade de actuar.

De resto, a vontade de enfileirar ao lado dos alunos externos não faltava; mas, como isso poderia custar uma *sova*, quando chegasse o ajuste de contas no Colégio — sobretudo se o Prefeito fôsse marca «*intolerância*» — apenas se dava cumprimento aos dois mandamentos — Ver e Ouvir!

Perante tais circunstâncias, não devo roubar o espaço àquêles que muito poderão dizer àcerca das «Nicolinas», de outros tempos, a principiar pelo seu grande devoto e meu grande amigo — Jerónimo Sampaio, o mesmo que, no seu tempo e a respeito da intromissão de estranhos nas referidas Festas, dizia:

«Quem deita tacão em bota,
Vende vinho ou bacalhau,
Meter o nariz não pode
Na função de Nicolau».

Guimarães, Novembro de 1945.

MÁRIO MENEZES

Que a mocidade de hoje asila no seu peito
o rancor à mentira, o ódio ao preconceito.
E firmemente quere — e há-de dar a prova —
erguer em Fé e Amor o Altar da Pátria Nova!

Bando de 1927

Autor: Arnaldo Bezerra

Recitado por: Francisco Antunes Guimarães.



OS ANOS QUE LÁ VÃO!...

Já lá vai meio séc'lo! Eu era inda pichote
Quando um Grupo acordou Festa adormecida...
De amor a Nicolau eu fui entre o magote
Vêr Minerva a sorrir, do alto, agradecida...

Empunhava eu então, aceso, um grande archote
Na entrada do Pinheiro alegre e divertida...
E já soltava à turba, a rir, o meu dichote,
— Formiga com catarro a despertar p'rá vida...

Os anos que lá vão!... Ai! que saúde a minha
Do tinto do «Cabreiro» e ceias no «Têrrinha»,
Do meu João Artur, do Brito, do Veloso!...

Aquilo é que era borga até romper a aurora!...
Ao bater da leiteira a gente ia-se embora
A descansar no catre o bróidio tormentoso!...

Dezembro de 1945

Último Adeus às Capas e Batinas

Nas Bodas de Ouro das Nicolinas - 1945.

Dedicado aos Velhos.

Amigos, eu recordo aqui, se dais licença,
Em verso alexandrino (O' clássico pregão!)
A quadra que passei, em gélida indiferença
Das coisas dêste mundo... aquela vida intensa
De sonhos côr de rosa — Os tempos que lá vão!

O' Velhos, escutai-me: Apenas uns instantes
De tréguas na vida... alegres e fugazes!
Vamos gozar um pouco a vida como dantes,
Vamos voltar de novo à vida de estudantes,
Vamos viver um pouco a vida de rapazes!

Eu quero que rezeis uma oração bem terna
For aquêles que, um dia, a Parca arrebatou!
Amigos meus doutr'ora, ó legião fraterna,
Eu guardo dentro em mim, uma saúde eterna
De tanto que partiu e nunca mais voltou!

Falange de Minerva, é doce recordar,
Na noite do Pinheiro, até nascer o dia,
A fúria do trovão, em forte ribombar,
Essa batalha dura, em terra e mar e ar...
Estrondos infernais de fera artelharia!

Recordo com saúde (O' tradição amena,
Ambiente salutar dos tempos que lá vão!)
A clara madrugada, outonal e serêna,
O velho cantochão da clássica novena,
Na velha capelinha, ali, da Conceição!

Recordo com saúde, os cônegos-doutores;
O seu apêgo firme aos Cánones e à Lei;
A Velha Colegiada, os doutos professores,
Pois os tivemos sempre e amigos dos melhores,
Homens de grande saber, escol da melhor Grei.

O Bélico Pregão, Magusto e Roubalheira,
O salso caldo de unto, o verde sarrabulho,
Guitarras a chorar, os vinhos de primeira,
Lembremos para sempre, a amena brincadeira
Da Velha academia, em fraternal barulho!

Mais uma vez reviva em nós a Mocidade
Dos tempos que lá vão, as Velhas Nicolinas!
O' velhos, recordai, com íntima saúde,
As vossas Bodas de Ouro, em sa fraternidade!
O vosso «Último Adeus às Capas e Batinas»!

Guimarães, 1945

TORCATO MENDES SIMÕES.



DELFIN DE GUIMARÃIS.

Um velho dos mais velhos

CORAÇÃO, mais devagar, não batas assim. Os sobresaltos, na tua idade, fazem-te mal. Compreendo o teu entusiasmo e tão bem o compreendo que me confesso dêle responsável.

E' natural o teu alvoroço, mas cuidado, não vás acelerar a cadência das tuas *pancadinhas*, por efémeras sensações. Lá porque te disseram que na comemoração do 50.º aniversário (Bôdas de Ouro) do ressurgimento das Festas Nicolinas, os velhos tinham de manifestar-se, dando o seu concurso aos novos, revivendo o Passado, não caias em excessos de entusiasmo.

Não esqueças, um instante, a realidade da tua velhice.

.....
Há quanto tempo isso vai!

Quantos anos são passados!...

Estudante, 17, 18, 19 anos.

Mocidade e vigor.

A vida, um encanto. Sonhos e poesia.

Canções, canções ao luar.

No coração da guitarra a voz apaixonada do trovador.

Amor em prodigalidade ao primeiro encontro de uns olhos bonitos, para, logo, outros mais bonitos surgirem e nos levarem à tentação, perseguindo-os.

Capas negras, nosso agasalho, nossa economia, nosso enlêvo. Confidentes dos nossos segrêdos de namorados e também de... *crimes de lesa-família pelos desvios* de bons galináceos, que nos proporcionavam as deliciosas ceias que precediam as serenatas. Ceias de íntima jovialidade, de absoluto alheamento das amarguras da vida. Nem um só instante o pensamento no futuro. Rir, rir de tudo e de todos, até dos próprios Mestres.

— Então nas *Nicolinas* a folgança ia ao excesso!

De 29 de Novembro ao dia 6 do mês imediato, não se permitiam tréguas. Embriegavam-nos as *melodiosas composições* da orquestra do zabumba, por nós magistralmente interpretadas no cortejo feérico do mastro anunciador.

De manhã, muito cedo, lá fomos, com a nossa orquestra, a caminho da capelinha da Senhora da Conceição, assistir à novena e tomar o reconfortante de água de unto na tenda do Luís *«Escravunhão»*, reconfortante que também prendeu de amores o nosso saudável companheiro, José Lopes, o *Zé Lopizio*, como o alcunhou o nunca esquecido Alvaro Casimiro.

Os preceitos do Estatuto eram observados com rigor, sem receio de responder pelas diabruras da noite das *posses*.

Na manhã do dia 5 de Dezembro, o *mastro gigante* aparecia rodeado de inúmeros vasos de plantas que, de noite, se mudavam das varandas para ali.

As tricanas e sopeirinhas, de olhos gaiatos e tentadores, surgiam, pressurosas, a reconhecer os vasos que lhe pertenciam, reclamando, com encantadores sorrisos, a sua entrega.

Depois, no mesmo dia, o *Pregão*:

A's armas bacharéis imberbes do futuro!

Cada peito um arnez e cada braço um muro,

Na orquestra do Zabumba um berro rubicundo,

Deitai-lhe os tampos dentro, arraze-se hoje o mundo!...

Alvaro Casimiro, nenhum outro te igualou na voz e no dizer do *Bando* a que estes versos pertenceram, *Bando* de Bráulio Caldas, do saudável, inolvidável e fulgurante poeta Dr. Bráulio Caldas.

— E o cortejo das maçazinhas, homenagem dos nossos corações amantes às

Eleitas do Senhor, Damas de Guimarães...

E as danças:

Folgar, folgar e divertir,

Deixar, deixar os novos rir...

Basta, Saúde. Não me tortures mais. Repara que o coração não está serêno. Êle quere, em deliciosas e acariciadoras visões do passado, estar, nas Festas, junto dos novos, sentir o calor que irradia da sua vigorosa juventude, rir e dançar com êles; e vai, sim, rir e dançar porque o deseja a Comissão dos Velhos que, *infalível nos seus destígnios*, promete nenhum mal nos acometer.

Vou, pois, rir e cantar, e com certeza que o faço pela última vez.

Neste capítulo, a nada mais pode aspirar um velho dos mais velhos.

JOSÉ RORIZ.

FESTAS NICOLINAS

HÁ conhecimentos na nossa vida, que a memória — mesmo de fraca retentiva — regista tão indelêvelmente que o pó do olvido jamais os pode cobrir e sepultar, principalmente quando surgiram na adolescência ou juventude, sob uma profunda emoção de ventura ou suposta desgraça.

Se a nossa vida se contasse por milénios, como a duração das obras de granito ou tijolo, a lembrança de determinados factos perduraria sempre no nosso espírito, por ser capaz de resistir à acção destruidora do tempo.

E' por isso que tenho ainda, vivas e frescas, as emoções que recebi das Festas Nicolinas, nos meus saudosos tempos de académico, no Liceu de Guimarães, não obstante três decénios e pico decorridos já sôbre o derradeiro ano em que nelas tomei parte e riço bati no bombo, que aluguei.

¡Trinta e tantos anos que já lá vão e de quantas coisas me lembro ainda!...

Trinta e tal anos são tanto numa vida que, em boa hipótese, são metade dela, ou pouco menos...

Sempre, sempre, sempre detestei o barulho infernal dos tambores, a menos que anunciem as Festas Nicolinas. Em se tratando destas Festas, acho mais encanto ao ruído dos zabumbas que à hábil execução — perdoem-me os musicógrafos e musicófilos! — de uma composição de Mozart, etc.

¡Tanto pode a grata impressão que nos ficou das raiosas coisas da nossa juventude!

¡Com que saúde recordo as Festas Nicolinas dos meus tempos de rapaz!

Ainda sonho, às vezes, que sou estudante e vivo na querida cidade de Guimarães, aonde tomo parte na barulhenta entrada do «Pinheiro»; disfruto os encantos das «Danças»; aprecio, embevecido, o declamar do «Pregão»; entro nas pirraças das «Posses» e saboreio o clássico caldo de unto de outras eras, etc. Diz-se que «recordar é viver». Será, mas, quando constato que tudo passou para mim das Festas Nicolinas, menos a lembrança dos seus encantadores programas no meu tempo de jovem, nem sei como não desfaleço.

Tudo passou... E agora recordo que passou ali, por boas faringes, o quantitativo de três almudes de vinho que, num barril, meu pai me mandou para o *govêrno* de três meses. Magalhães Costa, João Artur, Veloso, João Antunes & C.^a, L.^a beberam-no em poucas noites, por ocasião das Nicolinas.

Tinham tanta sêde que, para a matar, deixaram-me atormentado por ela!

O caso passou-se assim, na verificação do simpático furto: Uma manhã fui tirar um pouco do precioso líquido para o parco almôço. Estou bem lembrado de que, sob o comando da mão direita, dei meia-volta à torneira e não vi sair o vinho.

«Deve ser ar acumulado!» — disse com os meus botões. Para remédio dêsse inconveniente descrevei uma chapa que protegia o batoque e arranquei êste do pipo. Voltei de novo a dar meia-volta à torneira, então oclusa, e o vinho ainda não jorrava.

«Deve ser bago que está na torneira e impede a saída do vinho — pensei, já a tremer de susto — e, por isso, vou soprar-lhe». Deitei-me de lado... sôbre o coração, que já se mirrava de pavor, e, colando os lábios à torneira, soprei precipitada e fortemente. O ar entrou tão facilmente que apurei não haver, no meu amado pipo, gôta de vinho. Desliguei os lábios da torneira e ouvi um terrífico uf... f... f... do ar que se escapava, enquanto eu pronunciava um sentido ai, Jesus!... de aflição.

Estava roubado, em honra de S. Nicolau, para o brilho da sua Festa e em proveito da C.^a, L.^a, a que aludi.

Passei três meses de muita sêde, que meu pai não abonou descuidos, e não voltei a tocar zabumba naquêle ano de expoliação.

A sêco — valha-me Deus! — não podia já tocar um *instrumento*, que é o único capaz de imitar a voz humana, quando se diz: «Pão e vinho!... Pão e vinho!... Pão e vinho!...»

¡Quem me dera voltar a ser rapaz e ficar sem vinho durante três meses!...

Se tudo isto possível fôsse, não deixaria agora de tocar zabumba e de abraçar a C.^a, L.^a da expoliação! De resto, não era êste o primeiro abraço!

J. O. DA PENHA.

Voltando a recordar

QUANDO, há já vinte e cinco anos, colaborei em os «Velhos», opúsculo então editado para comemorar o ressurgimento das «Nicolinas», festa escolar tão simpática ao burgo vimaranense, encantadora tradição que a cinza do tempo tinha debaixo de si amortecido e os estudantes, os rapazes de 1895, tinham conseguido reavivar com a impetuosa agitação da sua ardorosa mocidade, quando, digo, então participei nessa comemoração, jãmais supus que chegasse a assistir às suas «Bodas de Ouro».

Quis Deus abençoar-me a vida até esta hora festiva para todos quantos que, em rapazes, foram estudantes em Guimarães; aprouve ao Senhor da existência prolongar meus dias até agora, para que os meus olhos, cansados de tanto ver, pudessem ainda verificar que a velha tradição dos escolares de Guimarães não morreu e que os rapazes de hoje, a despeito de tôdas as catadupas de civilização e progresso que sôbre o mundo se têm despenhado, continuam sendo fundamentalmente os mesmos que nós fomos.

O meu coração já não tem vigor para acompanhar os rapazes de agora nas suas ruídasas e várias andanças; mas ainda é suficientemente vigoroso para se emocionar, sentir vivamente a saudade da minha juventude há muito já morta e para sinceramente aplaudir «a mocidade que passa»... e tão vertiginosamente que, sem ela saber como, em breve estará como a minha geração a viver da... Saudade.

Guimarães, 28 de Novembro de 1945

PADRE FRANCISCO DA SILVA.

ENVELHECENDO

No outono triste, de tristeza tanta,
Que a gente entristece de o ver assim,
Há tanta beleza que perturba e encanta,
No outono triste, de beleza tanta,
Na quadra do ano que é quási a do fim.

As manhãs são frias, que as primeiras neves
Vão cobrindo as serras. Outras vezes chove.
Já caem as fôlhas, mirradinhas, leves,
Mortas pelo frio das primeiras neves,
Em tanta tristeza que até nos comove.

Mas em dias claros o sol é mais lindo,
O ar mais lavado, mais azul o céu.
E a terra tôda, satisfeita, rindo,
Quando a chuva passa e o sol é mais lindo,
Parece uma noiva de rendado véu.

Também nós, «Os Velhos», já longe do estio,
Da estação da vida cheia de ilusões,
Sentimos a neve, sentimos o frio
Da nossa velhice, já longe do estio
Que tanto aquecêra nossos corações.

Mas se o sol bondoso nos vem recordar
Os tempos ditosos dessa mocidade
Que lá vai levada para não voltar,
O céu é mais lindo, mais lavado o ar,
E ainda vibramos ao sol da Saudade.

Novembro de 1945.

AMADEU DA COSTA CARVALHO.

Comissão organizadora das Festas em 1895

Presidente
Alberto Cardoso Martins de Menezes (Margaride)
Vice-Presidente
Fernando Afonso (Lindoso)
1.º Secretário
Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio
2.º Secretário
Gaspar de Sousa Mascarenhas
Tesoureiro
José Luís de Pina
Vogais
Adelino Leite de Faria
António Correia Machado
António Leite de Castro
Augusto Alves Pereira
Domingos Ribeiro
Francisco Martins Ferreira
Francisco Neves Pereira
João Campos da Silva Pereira
José de Almeida Júnior
José Sarmento
Luís Ribeiro Martins da Costa (Aldão)
Manuel Bernardino Gonçalves da Câmara
Rodrigo António de Sousa Barbosa
Serafim Fernandes de Lima

Comissão organizadora da Festa dos «Velhos» em 1920

Adelino Jorge (Dr.)
Adelino Leite de Faria
Alvaro Ferreira Oliveira
António do Amaral (Dr.)
António Leite de Castro
Alfredo Correia (Padre)
Carlos Abreu
Fernando Chaves (Dr.)
Francisco Chaves
Francisco Silva (Padre)
Januário Lopes de Sousa
Jerónimo Sampaio
João Campos
José Pina
José Roriz
Mário Cardoso

Comissão organizadora da Festa dos «Velhos» de 1945

(Bodas de Ouro)
José Luís de Pina
Jerónimo R. Costa Sampaio
Adelino Ribeiro Jorge (Dr.)
António Faria Martins
Fernando Lindoso
Aprígio Neves de Castro
Luís Filipe Coelho
Artur Fernandes de Freitas
Fernando Jordão
Augusto Luciano Guimarães (Dr.)
Antonino Dias Pinto de Castro
Francisco Pereira Mendes
José Pinto Rodrigues (Dr.)
Francisco de Matos Chaves

COLABORADORES DÊSTE NÚMERO:

Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo (Major), A. de Quadros Flores (Coronel), Amadeu da Costa Carvalho, Delfim de Guimarães, Francisco da Silva (Padre), Jerónimo de Almeida, Jerónimo Sampaio, José Pinto Rodrigues (Dr.), José Roriz, J. O. da Penha (Padre), Leão Martins, Luís Filipe Coelho (Professor), Mário Cardoso (Coronel), Mário Meneses (Professor), Rodolfo de Aguiar (Dr.) e Torcato Mendes Simões.

Desenhos de: António Rodrigues da Rocha (Dr.), José Maria de Moura Machado (Dr.) e Mário Monteiro Dias de Castro (estudante).

